

Eu, tu e o abismo

Eu, tu e o abismo



Filipa Ezequiel

FICHA TÉCNICA

Título: Eu, tu e o abismo

Autora: Filipa Ezequiel

Revisão: João Alves

Capa e design: Ana Teixeira

Edição de autora

ISBN: 9789403876313

1.^a edição — Abril de 2026

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrónicos ou mecânicos, sem a autorização prévia por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos de autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais, é pura coincidência.

Alerta de conteúdo sensível

Este não é um romance daqueles fofos que nos fazem suspirar e sonhar com um novo *crush* literário.

Pelo contrário, é uma história que aborda violência, álcool, saúde mental, luto e cenas de sexo explícitas.

Por isso, se és sensível a este tipo de conteúdo, então este livro não é para ti.

Se por outro lado, desejas avançar, desejo-te uma boa leitura e que ela seja o abraço que talvez estejas a precisar, mesmo que não o saibas.

Para a minha filha e todos aqueles que carregam as marcas da escuridão.

Cada cicatriz é a prova de que superaste algo, por isso, nunca te esqueças de que o que realmente importa é a capacidade de, mesmo assim, continuares em frente, cada dia mais longe do abismo.

Este livro é vosso!

Prefácio

Vivemos de emoções. Das que experienciamos, das que sofremos e até das que sonhamos. Podemos guardá-las para nós ou plasmá-las em palavras, de uma forma tão autêntica e visceral que é impossível não ecoar nos outros. São estas as histórias da Filipa. De pessoas comuns, de lugares onde já estivemos em forma ou só em pensamento. Mas tão familiares quanto as nossas emoções.

A série "Eu" é um espelho da autora... e nosso também. Porque o enredo faz-nos olhar para dentro e compreender o reflexo que passamos além da imagem. Porque tal como o João e a Margarida, certamente já mirámos o abismo e lutámos por seguir adiante. E seguimos! Prova disso, é podermos ler este livro e emocionarmo-nos com uma história dura, tecida de decepções e remendada no amor.

Em algum momento, já fomos um destes personagens. E é essa identificação que traz uma magia especial a este livro. Escrevê-lo e publicá-lo é certamente um acto de amor da Filipa. Lê-lo e deixar que ressoe em nós, é mostrarmos o quão bonito o amor pode ser quando é recíproco.

Ele era farol; ela era a flor. Juntos construíram um romance puro que terá de sobreviver ao abismo de cada um. Que o amor seja sempre o contrapeso na dura realidade. E que histórias como esta, vos façam acreditar que existe sempre um raio de esperança a despontar na escuridão.

Obrigada, Filipa, pelo privilégio de ler esta história... e que as tuas palavras continuem a ser farol.

Vanessa Jorge

Prólogo

João

Subo a escarpa, meio trôpego, ignorando os sinais de aviso. Para que servem mesmo? Neste momento, é indiferente que lhes preste atenção. O motivo que me trouxe aqui impele-me a seguir, mesmo com dificuldade, tropeçando a cada passo.

Tenho as mãos esfoladas de tanto tentar segurar-me. Pequenos cortes fazem agora parte da decoração da minha pele. Vejo gotas de sangue, mas sei que não é nada de especial. Arde, mas, no fundo, não me lembro da última vez em que não senti sequer um pequeno latejar em alguma parte do corpo.

Há meses que tudo me consome. Até a memória e os sonhos se apagaram no meio do fogo que me pulsa nas veias. Provavelmente seria mais fácil se nem tentasse agarrar-me, mas quero que as coisas sejam diferentes; preciso de chegar lá acima. Sinto a dor na perna, mas nem isso me demove. Nada do que possa sentir agora me vai parar. Tenho bem definidos todos os pormenores que hoje me trouxeram aqui.

Continuo a segurar-me sempre que o pé ameaça escorregar. “*Talvez fosse mais fácil se não tivesse trazido a maldita garrafa*”, penso. Mas quero brindar. Um brinde que não será à vida. Desta vez, será diferente. Carrego comigo a certeza de que finalmente tomei a decisão certa; de que vou fazer o que tantas vezes pensei mas que, por cobardia, adiei.

Não tenho medo. Depois de uns quantos goles de whisky, o receio evaporou-se. Sinto o vento furioso e gelado à minha volta, como se quisesse castigar-me, rasgar-me a roupa e invadir-me a pele. Bom, pelo menos não sinto frio, o que já é alguma coisa, visto que a esta hora já estaria a congelar. Se o fizesse, nunca conseguiria chegar ao destino e todo este percurso teria sido em vão.

Paro um segundo, permitindo-me desfrutar da vista; observo o horizonte. Lá embaixo, as ondas batem furiosas no rochedo, como se gritassem um aviso. É perigoso, e qualquer um que me visse agora diria que estou louco. No entanto, nunca me senti tão consciente do que quero fazer como hoje. Pego no telemóvel e envio uma mensagem à única pessoa que, nos últimos tempos, mostrou alguma empatia por mim. Quero que saiba que, neste momento, penso nela.

Levanto-me e continuo a subir. Não pensei que fosse tão difícil. Provavelmente estou mais velho e debilitado do que julguei, mas agora não importa. De qualquer maneira, estou demasiado fraco e cansado para voltar atrás. A perna continua a latejar, lembrando-me da presença do meu problema. Olho para o meu pé descalço e tento recordar-me: quando foi que perdi o sapato? Não consigo precisar, mas

deve ter sido na última vez que escorreguei e quase caí por aqui abaixo. Que se lixe. Daqui a pouco, isso já não importará nada.

Finalmente, chego ao meu destino. Olho o céu escuro e sombrio. As estrelas hoje parecem ter-se apagado; a lua esconde-se atrás de uma névoa. Incrível. Nem hoje tenho direito a um céu perfeito. Daqui, o som bravio do mar é ainda mais audível e sinto as gotas de água que me salpicam a cada investida contra o rochedo.

Gostava de saber o que pensariam se me vissem aqui. Por outro lado, nada disso importa, quando tudo o que pensam é sempre tão obscuro. Que continuem com os seus julgamentos sem piedade. Bebo um gole de whisky — um dos grandes — e sinto o ardor na garganta. Ah... e depois o calor no corpo, a paz na alma. É por isso que tenho bebido tanto. É esta a sensação que procuro e que faz valer cada cêntimo gasto.

Sinto-me adormecido por dentro. Feliz. Como se todos os problemas e pessoas fossem simplesmente apagados por alguns minutos. Apenas existimos eu e a minha garrafa. Não sou de me deixar levar por hábitos, mas este foi um dos que adquiri recentemente. Perco-me no prazer que cada gole amargo me dá, no fogo que me corta o interior. Porque desta vez não é dor; é tranquilidade.

Bebo mais um gole antes de arremessar a garrafa para o mar que se revolta lá embaixo. Fecho os olhos e inspiro a maresia. Como é bom este sentimento. Sinto o telemóvel vibrar no bolso, mas não quero saber. Não me dou ao

trabalho de verificar quem possa ser. Pego nele e, tal como fiz com a garrafa, atiro-o. Vejo-o cair como se fosse em câmera lenta. Engraçado, sempre achei que as coisas, quando caíam de um sítio alto, o faziam a grande velocidade. Ou será que a minha visão hoje não está alinhada com a realidade? Talvez seja o cérebro entorpecido pelo álcool a pregar-me uma partida.

Fecho os olhos novamente. Abro os braços e sinto o ar que me atravessa. Respiro fundo e deixo que o frio me invada os pulmões. Pela primeira vez em meses, consigo sentir algo e, apesar de doer, permito-me acolhê-lo.

E depois, mergulho no precipício escuro e impetuoso que, desta vez, me envolve como um abismo real.

Capítulo 1



João

Presente

Oiço vozes ao longe e, embora não consiga perceber do que falam, sei com toda a certeza a quem pertencem. Uma dor atravessa-me o corpo e sinto um arrepio. Não tenho a certeza de onde estou; por isso, num movimento tão rápido quanto me é possível, olho em redor.

A minha mente é apenas uma névoa cerrada que me preenche na totalidade. Respiro fundo, lentamente, na esperança de levar algum oxigénio ao cérebro de forma a dissipá-la. Pisco os olhos várias vezes para me adaptar à luz que, embora fraca, me faz arder.

— Humm... — A voz sai-me embargada num gemido profundo que solto ao tentar mexer-me.

De repente, os dois vultos que estavam aos pés da minha cama, de costas para mim, viram-se. Vejo um olhar carregado em ambos.

— Finalmente acordaste. — A voz firme da minha irmã tenta esconder, em vão, o seu desgosto.

Abano a cabeça, tentando organizar os pensamentos. A última coisa de que me recordo é de estar no cimo das rochas imponentes, na praia, com o propósito de pôr fim ao meu sofrimento. Não sei bem como vim aqui parar ou, aliás, o que raio aconteceu antes, quando era suposto eu ter caído daquela arriba. Sinto-me como se tivesse levado um murro no estômago assim que vejo o olhar que ambas me lançam.

— Vou avisar o médico de que já acordaste. — A Margarida mal olha para mim enquanto diz isto.

— Espera — digo, com a voz ainda entorpecida pela secura que sinto na boca. Tento levantar-me, mas uma dor excruciante atinge-me as costelas e retraio-me, soltando um gemido: — Ahhhh!

— Já te trazem algo para as dores, não te preocupes — oiço-a dizer, antes de se virar e se dirigir à saída do quarto.

— Espera... Gui! — Estendo a mão na tentativa de a alcançar, mas ela está demasiado longe. — Espera. — A voz torna a falhar-me, saindo tremida, e vejo-a desaparecer.

Dirigindo-se a mim, a Raquel abana freneticamente os braços e cerra os punhos.

— Apetece-me bater-te! Ai, como me apetece, João!

Vejo a mágoa no seu rosto, mas também um vislumbre de horror. De repente, sou invadido por *flashes* de memória. Sinto um choque no meu interior, como se tivesse sido trespassado por uma lâmina afiada. A vergonha toma conta de mim e noto o calor aflorar-me no rosto.

Tento esboçar um sorriso. — Ei, estou bem, ok? — Estou a ser irónico, talvez roçando o cinismo, mas, neste momento, não há mais nada que possa fazer.

— Não, João, não está nada bem! Tens ao menos noção do que nos fizeste sentir? Do quanto nos magoaste? — A mão dela, em riste, avança sobre mim tomada pela fúria, mas para, arrependida, a poucos milímetros do meu corpo.

Preciso que ela saiba que, apesar de tudo, eu sei que está a sofrer. Sei que lhe dói o que fiz e quero livrá-la dessa dor.

— A Matilde ficou devastada quando recebeu a tua mensagem. O Raul saiu disparado para te procurar e, graças a Deus, não se magoou, mas podia ter caído ou coisa que o valha lá em cima, naquele desfiladeiro. E tudo isto porque foste um covarde que, em vez de falares connosco, tomaste a atitude mais fácil, não foi?

Abro a boca para lhe dizer algo, mas as palavras não saem. Quero que pare, mas sei que tem razão. Há muita coisa presa dentro dela, que sempre se mostrou tranquila e curada, quando, na realidade, era apenas uma fachada. Dou-me conta de que a minha sorridente irmã, aquela que sempre

tem uma palavra de conforto, afinal está mais desfeita do que pensei. Isso magoa-me tanto.

Uma lágrima escorre-lhe e ela leva a mão ao rosto para a limpar.

— Paraste ao menos para refletir sobre como seria para mim viver sozinha neste mundo? — Funga enquanto me olha nos olhos. — O que seria de mim sem ti, agora que não tenho mais ninguém, João?

Sinto-me o pior irmão do mundo. Não estava em mim; a dor que sentia era demasiado forte para me permitir refletir. Fui cruel e egoísta. Não pensei que ela ficaria abandonada à sua sorte. Depois do acidente que vitimou os meus pais e que quase me levou também, e do término com a Margarida, ficámos só os dois.

Na minha maneira torta de ser, entrei numa espiral obscura. Os dias eram cinzentos, carregados de mágoa e de uma culpa que me envolvia como hera. O olhar triste da Raquel e a forma como o seu corpo treme dizem-me que ela sabe, tão bem quanto eu, que fui um imbecil.

A dor intensifica-se.

— Desculpa — é tudo o que consigo dizer, enquanto uma lágrima se solta e abro os braços, acenando para que se junte a mim.

Ela aconchega-se no meu abraço ao mesmo tempo que solta um suspiro cansado.

— És um perfeito idiota, sabias? Devias ter-me enviado mensagem a mim, não à Matilde. — Ergue ligeiramente o olhar. — Entendes? Eu sou tua irmã e é suposto os irmãos estarem lá uns para os outros.

— Não, eu não podia — engulo em seco. — Não podia trazer-te o caos da minha vida quando finalmente conseguiste encontrar a tua paz.

Sinto os movimentos trémulos do seu corpo à medida que solta tudo o que tem retido. As lágrimas molham-me a blusa do hospital. Tudo no meu corpo frágil grita sob a pressão do peso dela, mas vê-la sofrer custa ainda mais. Esforço-me para não transparecer o desconforto.

— Chiu... está tudo bem agora — digo-lhe, afagando-lhe o cabelo ternamente, embora tenha a certeza de que ainda levará muito tempo até que ela volte a confiar em mim.

Capítulo 2



Margarida

Presente

Saí do quarto com o corpo a tremer, enquanto o ouvia proferir o nome carinhoso que ele usava para me chamar e o qual achei que nunca mais viria a ouvir. Sinto a cabeça a andar à roda e solto o ar que tinha contido nos pulmões. Encosto-me à parede para não correr o risco de cair, enquanto, dentro de mim, tudo rodopia com intensidade.

São tantos e tão contraditórios os sentimentos que me percorrem que não consigo definir qual é o mais intenso. Sinto raiva e preocupação; sinto dor, mas também desespero. Tudo se mistura dentro de mim e o resultado é devastador. Queria tê-lo abraçado, batido... mas também beijado. Ninguém imagina o quanto me custou vê-lo deitado naquela cama: perdido, ferido e partido em mil pedaços.

Há muito que combato os meus reais sentimentos na ânsia de sentir ódio e desprezo, em vez de carinho e paixão. O ar foge-me dos pulmões e sinto os ouvidos a zumbir. Sei que, neste momento, estou a ter uma crise de ansiedade;